



Gaiato

17 DE OUTUBRO DE 1970
ANO XXVII — N.º 694 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

CANTINHO

...e dos que, não tendo ficado, são, consciente e deliberadamente, da Obra.

Nunca terá sido fácil construir uma Família... Nos nossos dias é muito difícil. Não será de estranhar, pois, nem me parece de duvidar do carácter saudável de nos debruçarmos sobre os êxitos conseguidos, os quais nos dobrarão as forças para continuarmos nossa corrida de obstáculos, em que sofremos muitos tropeções que causam queda.

Cada vez me surge mais evidente o «pusillus grex», a pequenina grei de que nos fala o Evangelho e que Pai Américo nos lembrou muitas vezes — pensamento que podemos condensar naquela tonificante afirmação a termos sempre

presente em nossa alma: «Um só que se salvasse e teria valido a pena. Mas eles são tantos! Mas eles são tantos!...»

Sim, são tantos. Porém, ainda assim, a nossa Obra (que «não é dos escolhidos, mas dos re-

têm fim. Por mais que demos, há sempre mais que dar. E a obrigação de dar cessa no último suspiro. Nem cessa... porque aquele que levou a sua vida mortal a servir, à semelhança do Mestre, será confirmado em serviço até à consumação do Tempo. E depois, em plenitude, «servir é amar; é reinar», eternamente.

dos que ficam

jeitados») não é regida pela lei dos grandes números. Aliás, de acordo com o seu carácter evangélico, segundo o qual: «muitos são os chamados; poucos os escolhidos».

Não há-de ser, portanto, a quantidade a nossa preocupação dominante; sim a qualidade. E é nesta perspectiva que nós, os vossos padres, saboreamos deliciados a vossa colaboração e a apetece-mos entre os nossos mais espirituais desejos.

«Raros», vos chamou Pai Américo. Porque havemos nós de permitir-nos a pretensão de vos querer comuns? Raros sois e sempre sereis. Por isso mesmo preciosos. Comunicá-lo — não é, em minha intenção, mais do que chamar-vos a maior responsabilidade, a melhor correspondência.

As missões em que Deus nos investe não

Para além dos serviços que concreta e directamente prestam aqueles que ficam, resta um serviço de mais valia que pode e deve ser comungado pelos que, não tendo ficado, consciente e deliberadamente, são da Obra: o testemunho de uma vida a teor do Evangelho, eficazmente vivida: primeiro, no seio da sua família-própria, para cuja fundação se prepararam conscienciosamente, prosseguindo a sua edificação em esforço incessante de perfeição; segundo, relativamente a esta Família maior de que partiram e a que devem seu contributo de acabamento, que é sinónimo de perfeição; terceiro, em prol da Sociedade ainda maior que é a Família Humana, na qual se repercutem todas as nossas acções e omissões.

Não será, pois, de estranhar a pureza da nossa alegria, quando um par (gozando de sua independência económica — chancela de maior autentici-

Cont. na QUARTA página

LOURENÇO MARQUES

Pai Américo apelidava-se de «cantador» quando pelas igrejas desfiava a vida das primeiras Casas do Gaiato. Veio-me à lembrança este nome pelo muito que tenho dito e repetido da nossa Casa em Lourenço Marques. A história começou e só terminará quando não houver criança alguma a pedir a nossa ajuda.

As necessidades e preocupações de quem mete mãos a uma seara destas fazem por vezes amargo o pão nosso de cada dia. Não é que esteja ao arado e olhe para trás. Não, que sei a Quem sirvo. Mas porque o esforço e a lonjura da caminhada afrouxam o ritmo e aumentam a dor.

Se pomos a esperança nos homens, depressa encontramos um vazio. Se a temos em Deus, Ele pede-nos uma entrega total, tão difícil de realizar sem discutir... E assim as travessuras do Jaimito, a azelhive do cozinheiro, as escapadelas à escola dos mais pequenos ou a sorna tropical dos mais velhos, matizam a nossa vida nem sempre alegre, nem sempre triste.

Porém, há dificuldades que pesam mais, no nosso dia a dia. Para conseguirmos alimentar as obras, foi necessário reduzir as despesas do campo. Mas quem sabe a fome que vai por aí, a falta de água e a terra árida pelo calor que tem feito, arrepiam-se ao pensar despedir gente do campo. Quem nos pode levar a mal se é trabalho sem garantias de rendimento e as nossas dívidas já vão além dos cem contos? Para equilíbrio de ambas as partes, trabalhamos só três dias por semana.

É de quase todos os dias a procura de um lugar onde caiba mais um miúdo. Foi daqui uma Irmã muito triste. Trazia no peito a tragédia de três e a esperança de ao menos um aqui ficar. E não ficou. Tempo houve em que pensei vir a ter poucos rapazes brancos. Hoje não. Há corrupção e desorientação profunda em muitos lares. O amor cristão é um ausente em muitas famílias, que subsistem apenas por conveniências sociais. Vem o dia em que tudo se desmorona e os filhos são as vítimas. A onda de choque chega até nós, que nada podemos fazer senão chorar com os que choram.

Padre José Maria

Areias do Cavaco

FESTAS — Chegámos ao fim. Por toda a parte sentimos, à nossa volta, o carinho de todos. Já falámos de Benguela. Foram duas salas cheias. Novo Redondo, desta vez não ficou atrás. Vimos gente com pena de não poder entrar, por falta de lugar. O Lobito não deixa ficar em mãos alheias os seus pergaminhos de cidade acolhedora. E o Imperium foi pequeno para recolher a todos. Tivéssemos tempo disponível e voltaríamos lá. É fecundo o trabalho feito no silêncio, mas com amor. Houve ali uma alma a trabalhar deste modo.

Catumbela! Há quatro anos que lá não fomos. A boa vontade das suas gentes e dos seus responsáveis afastaram do caminho todas as dificuldades; e o salão de Teatro ficou cheio.

Este ano não ficámos pelo litoral. Subimos ao Planalto. A boa gente do Cubal, galvanizada pelo entusiasmo do Sr. P.e José, abriu as portas dos seus lares e acolheu-nos como membros de família. E, na noite do dia 2, foi o grande serão familiar. Aos que nos receberam em suas casas e aos que não puderam receber-nos porque não chegávamos para todos; aos que trabalharam nos bastidores para que o espectáculo fosse um êxito — deixamos o nosso muito obrigado.

Do Cubal à Ganda é um salto de 50 km. Aproveitámos a oportunidade. E se a alegria não foi completa pelos

Cont. na TERCEIRA página



As festas promovidas pela nossa comunidade de Benguela (como aliás as de todas) «foram sobretudo obra dos Rapazes. Aqui o seu grande valor. Aqui a sua razão de ser».

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência do Lar do Porto

Como estou em férias e não posso estar em contacto directo com os meus queridos irmãos Pobres, vou limitar-me a uma breve descrição sobre a minha entrada para a Conferência de que faço parte.

Entrei, já tinha 13 anos, com o desejo e ambição de ajudar aqueles que de mim precisam — os Pobres. De princípio pouco ou nada fazia. Acompanhava outros vicentinos. Mais tarde, porém, confiaram-me uma Pobre, para eu ajudar. Depois de algumas visitas comecei a avaliar que não havia diferença entre mim e ela. Também nasci assim. E assim vivi até aos 6 anos — como um ser apenas registado... tal como um animal que nasce e nunca mais conhece os pais.

Eu mudei. A minha Pobre, porém, ainda não pôde mudar! Hoje, tenho casa e cama onde repousar o corpo... Ela ainda não! Tenho de comer... Mas a ela ainda lhe falta o verdadeiramente indispensável. É a verdade. A verdade é para ser dita. Ninguém lucra se escondermos os casos tristes. Se Pai Américo não abrisse a boca e não levantasse a Obra da Rua, que seria de mim? ..

Não é justo um ser humano viver na miséria — como eu já vivi. Por isso, tenho lutado para que a minha Pobre viva melhor, com mais conforto, com mais carinho. Mas há sempre impossíveis... falta de dinheiro, falta de roupas, etc.

Apesar de tudo fazemos o que podemos — eu e todos os membros da minha Conferência. Agradecemos, no entanto, o apoio de quan-

tos nos têm ajudado para melhorarmos a situação dos Pobres que temos a nosso cargo. Que Deus vos pague.

JOSÉ MARIA

O nosso Retiro

Que fomos nós fazer?

Acima de tudo reunimo-nos numa demonstração de livre vontade.

Depois ouvir falar de Deus pela boca do Sr. Padre Acílio, da Ordem dos Capuchinhos.

Foi uma tarefa extenuante e também perigosa. Pois tivemos contestação nos colóquios.

Se tudo não tivesse na base de que Cristo é o Caminho não colheríamos senão confusão.

O remédio é sairmos do meio habitual e rever a nossa maneira de pensar e agir. O Padre que connosco esteve preocupou-se com isso mesmo. Ateou em nós uma chama viva, uma radiosa adesão às soluções do Evangelho.

Foi uma, mais uma, preparação para um maior prazer de lutar e não um prazer de vitória. Percorrer um caminho sem nos preocuparmos com vitórias fáceis. Libertar as nossas almas de conceitos que nos têm parecido bons, quando no fundo falta uma coisa que causa tanto medo: a mortificação. Fazer penitência também. Mas, acima de tudo, sacrificar o nosso egoísmo e abrir os nossos corações para melhor compartilhar os temas que nos foram apresentados. Em grupo, não foi nulo o nosso esforço. Porque guiados pelo amor fraterno e leal. Porque o amor entrou neles acima de tudo o mais.

O lado positivo e negativo dos temas não foi mais do que ajudarmos e aos outros e não o desprezo.

Vimos antes de tudo aprender a conhecer-nos. Porque será mais fácil a nossa caminhada assim juntos.

Bem sabemos que existem obstáculos dentro de nós. Vimos tentar descobrir o melhor remédio para os destruir. Se algum daqueles que tiveram a graça de estar no nosso encontro de 28 de Setembro a 1 de Outubro encontrou algum remédio para os seus males morais, tanto melhor. Porque os temas que se trataram sem dúvida que são de ontem, de hoje e de amanhã.

O que interessa acima de tudo é que a nossa fé tenha saído mais fortalecida. Porque quanto à responsabilidade nem se fala... por sermos os mais velhos.

Falar de propósitos, talvez alguns nem tenham pensado nisso; quem sabe? Pois todos serão mais ou menos do mesmo parecer: sou fraco!

Apesar disso estou convencido de podermos olhar com confiança Aquele a quem pedimos que nos

dê amor autêntico. Para que o Mundo descubra o Seu Caminho, e nós sejamos pequenas luzes com chama forte!

Manuel Simões

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

O QUE RECEBEMOS — Abrimos com um vale de 30\$00, do Funchal Mais 20\$00 de uma funcionária dos CTTU, de Lourenço Marques. E três vezes mais do assinante 18223, «para o segundo semestre da Conferência». Agora, atenção: «Mesmo em papel de avião pois não tenho outro à mão, envio 500\$00 que fará o favor de distribuir 250\$00 pelos seus Pobres e os outros 250\$00 peço a fineza de os entregar no Calvário. Uma Mãe agradecida por tantas graças que o Senhor lhe tem concedido». Esta é a linguagem das Mães, que não vivem na penumbra de promoções desorien-

tadoras e... Adiante! Mais 100\$00 da Póvoa de Varzim com o pedido de orações «por uma pessoa de família doente». E mais 50\$00 do assinante 26.424, de Lisboa. E a presença habitual da assinante 17740 E mais 30\$00 da Invicta. E nova presença de Lisboa, com um pacote de roupas. Serviram perfeitamente! E já estão a uso. Mais 25\$00 da assinante 28053. Outra presença habitual — a assinante 17022, com 40\$00. Registamos, ainda, 100\$00 do assinante 18989, de Gouveia — «em cumprimento de uma promessa». Mais 200\$00 do assinante 18732, ora no Porto. E mais 50\$00, idem, do assinante 12322. E mais 20\$00 de Abóbada. E 50\$00 entregues no Espelho da Moda — o nosso Depósito, no Porto. E outra vez o Porto, pela mão da **Viúva do Porteiro**. Estas presenças são reconfortantes. É o óbulo da Viúva! Finalmente, de Lisboa, «quatrocentos escudos para o Júlio reservar para a Conferência de Paço de Sousa. Ando a repartir algum do dinheiro que ganhei este ano em explicações». Abençoada oferta!

JÚLIO MENDES

Aqui Lisboa

Excelentíssimo Senhor
Ministro da Educação Nacional
Excelência



Por lá, dependuravam-se nos eléctricos e noutros veículos... Era a Rua. Agora, a velha carrela — instrumento de trabalho — até serve de veículo de amor entre irmãos. Reparem no cuidado de «Olho Vivo» e na serenidade do Fernandito, debruçado no saco!

Gaiato

Na última quinzena abordámos nestas colunas, ainda que ao de leve, o grave problema do ensino no concelho de Loures, às portas da Capital. Como simples soldado, mas não menos empenhado na «grande batalha da educação» de que Vossa Excelência é general, queremos hoje abordar a questão crucial dos atrasados mentais.

Recente reunião realizada em Genebra ocupou-se «ex professo» da prevenção e do tratamento do atraso mental. Tendo em conta inquéritos realizados em vários países, que nos dizem sofrer de atraso mental 1 a 3% das populações, o comité de técnicos devotado a este assunto procura chamar a atenção dos responsáveis para este grave problema, que assume na nossa Terra proporções inquietantes, com tendência a progredir.

Acertando as estatísticas apontadas como válidas no nosso País, o que deve pecar por defeito, para uma população de 10 milhões, no Portugal europeu, temos entre 100 e 300 mil atrasados, vivendo praticamente à margem de qualquer estrutura educacional, para lá dos esforços e sacrifícios de meia dúzia de «carolas». Escolas especiais e de reeducação contam-se pelos dedos, algumas sem mestres e, na sua maioria, situadas à volta de Lisboa e Porto. Quer dizer, Senhor Ministro, há uma multidão de pessoas que escapa às malhas de promoção em que Vossa Excelência está empenhado e que, ano após ano, vai engrossar o caudal dos desajustados e pesos mortos. Ora, está provado, que a maioria dos atrasados mentais, é susceptível de recuperação e de aproveitamento, em muitos casos com largas possibilidades em ocupações manuais, o que representa em todos os aspectos, e até numa perspectiva meramente económica, grande valor, muito de considerar, numa hora em que os desperdícios se pagam caros.

Senhor Ministro, debruçados por devoção sobre os mais fracos e abandonados, preocupados com a sorte dos mais desfavorecidos, esperamos confiadamente que não se esqueça dos atrasados mentais, a exigir uma actuação eficaz que os ajude a tornar mais homens, isto é, mais livres e úteis ao todo social. Caso contrário, o rol dos inúteis, dos frustrados e dos criminosos, irresponsáveis tantas vezes, aumentará a cada instante com consequências desastrosas para todos nós e denunciando, ao fim e ao cabo, um desprezo à maneira espartana, pelos mais débeis e diminuídos.

Com os melhores cumprimentos

Padre Luís

O GAIATO é um sinal da presença de Deus entre os homens. Essa a razão porque a Campanha arrasta muitos de boa vontade. Mesmo os que duvidam ou supõem duvidar que Ele é. Verdade!

Esta quinzena repetimos, praticamente, o número da quinzena anterior. Somámos mais 50 novos leitores!

Só esta notícia valeria um hino de acção de graças. Estamos, de facto, integrados numa procissão viva, consciente, eficaz. São os leitores. São eles que mexem e remexem, com a Luz que vem do Alto — e já alumia tanta gente!!

● A ESPERANÇA CONTINUA

Olhem para Coimbrões:

«Os meus cumprimentos, e saúde da boa, par. toda a rapaziada da Casa do Gaiato.

«Eu o assinante 3728, de Coimbrões, venho novamente enviar mais dois assinantes. Somos todos da mesma família. E a Esperança continua. Se Deus quiser breve enviarei mais

Campanha de assinaturas

algum, para que a Obra de Pai Américo seja conhecida em toda a parte.

«Um grande abraço para toda a rapaziada...»

Aqui está um proveitoso incentivo para caminheiros desanimados: «a Esperança continua!» E continuará, enquanto o mundo fizer orelhas mocas a dois terços da humanidade que passam fome.

● CONTINUO...

Outro que alinha pela mesma bitola:

«É com inefável prazer que vou dar a direcção de dois novos assinantes, meus bons amigos... Fico sempre na expectativa de arranjar mais as-

sinaturas, pois continuo a fazer a maior publicidade no sentido de se desenvolver e aumentar o número de leitores. E assim ficarem a saber da miséria que ainda existe pelo nosso querido Portugal. Deus nos ajude.»

É uma presença de Casais (Meinedo), aqui ao pé da porta!

● UM BELO PRESENTE

Agora, temos Viseu:

«Enviei a importância de 500\$00 para pagamento de alguns meses do vosso periódico. Não sei se receberam. Gostaria de saber. E aproveito para vos pedir que desejo me enviem o Jornal... Para minha infelicidade e tristeza profunda, meu bondoso Marido faleceu. E ele gostava de receber o Jornal e trazer-mo como um belo presente. Agora já não tenho quem mo traga. Enviem-mo, pois, directamente para minha casa. Agradece com muita admiração e consideração...»

A Força, a Beleza, a Grandeza e a Delicadeza do Matrimónio Cristão: «Ele gostava de receber o Jornal e trazer-mo como um belo presente!»

● HOMENS D'AMANHÃ

Os novos alegram o desfile. E enchem-nos a alma. Ouçamos o breve depoimento de uma Mãe — muito interessada no porvir moral do seu filho:

«Tenho um filho em Portugal, que tem 8 anos e que gosta muito dos Gaiatos, pois sempre que via um na rua me perguntava: «Mamã não comprou um Jornal?» Portanto, desejamos que ele continue com o mesmo amor por eles, recebendo o nosso Jornal, e sendo contado como um novo assinante...»

Os homens d'amanhã serão — em grande parte — o que forem os pais. Quem duvida? Não é manipulação, paternalismo, patriarcalismo (expressões em voga...) — mas o exemplo da Família de Nazaré. Essa é a Fonte Viva...

● PORTO E LISBOA

Não caiu em saco roto quanto dissemos em o número transacto! A Invicta revigorou o número de presenças. E Lisboa — a capital — não larga o cetro! Temos legendas formosas duma e doutra cidade que gostaríamos de transcrever. Mas o espaço?! Não resis-

timos, porém, a conceder a palavra a um Casal lisboeta. Aqui está:

«Bons amigos:

«Até que enfim!

«Hoje sinto-me mais satisfeito, mais alegre, pois finalmente, por impulso de minha Mulher, dei andamento a um desejo que há já alguns anos existia no meu coração: contribuir com algumas migalhas para a «Obra do Padre Américo».

Espero não voltar a adiar, sem data, novas tentações de me inscrever na procissão dos que amam a «Casa do Gaiato» e para ela desejam contribuir.

«Desejaria, também, que me inscrevessem como assinante de O GAIATO, que compro sempre, mas que não recebo directamente em minha casa.

«Os nossos primeiros 500\$ são para o «Calvário...»

Que dizer mais? Bendito seja Deus!

● UM MAPA DA METRÓPOLE...

Além do que já noticiámos, temos mais assinantes em Bragança, Canelas (Gaia), Figueira da Foz (até apetece uma banhoca!), Passô (Sever do Vouga), Leiria, Ermezinde, Chaves, Pedras Rubras (Maia), Tomar, Cacém e Vale de Estacas (Santarém).

● ...E DO ULTRAMAR

O Capelão de Nacala é o porta-bandeira do Famoso naquelas bandas. Em aerograma recebido indica mais uma nova assinante e diz que «a assinatura será paga no princípio do ano em Lourenço Marques, directamente ao Padre José Maria juntamente com todas as de Nacala... Obrigado...»

Retribuímos com um xi do coração.

Recebemos, ainda, mais duas presenças de Lourerço Marques.

Em Angola, o interesse não diminui! Faria Magro, da nossa Casa de Benguela, dá nota de uma procissão do Luso — oito novos leitores — mais três de Benguela, um do Lobito e outro do Cubal. As Festas angolanas produziram muito fruto. Demos graças a Deus!

Júlio Mendes



Manter o diálogo com os leitores e amigos desta zona central do país, eis o que me acaba de ser recomendado por P.e Horácio que, em Angola, se encontra a trabalhar na nossa Casa de Malanje enquanto P.e Telmo goza umas pequeninas e mais que merecidas férias.

Tive sempre grande dificuldade em escrever. A esta se junta, agora, a responsabilidade deste cantinho de Coimbra que há uma vintena de anos é feito pela pena pertinente e viva de P.e Horácio. Com conhecimento vivido dos problemas da pobreza e da miséria nestas zonas, se doou totalmente ao serviço e defesa dos homens a quem a sociedade negou ou não concedeu facilidades de o ser. São vinte anos de Sacerdócio, ao serviço destes irmãos repudiados como responsável pela Casa do Gaiato de Coimbra, e padre «sem ouro nem prata», nem nada, que não seja a resposta a uma vocação de amor.

Amor ao homem que sofre, mas que não é simples humanitarismo, nem sentimentalismo, mas sim vida que comunica Vida.

Ora a vida que Deus quer para todos os homens, é uma vida plena de justiça, progresso, paz e liberdade, mas na Caridade. Esta (a Caridade) só o é quando o homem, reconhecendo os dons e bens recebidos, quer materiais quer espirituais, mesmo ainda que conquistados, também, com o suor do rosto, os põe ao serviço dos outros na humildade e sem

mira de qualquer recompensa que não seja a de concorrer para a vida de comunhão entre todos os homens.

Esta vivência é a razão de ser da Obra da Rua e este cantinho de Coimbra um dos seus testemunhos.

Saiba eu corresponder-lhe. Como instrumento realizador e comunicante da disponibilidade dos homens aos outros, procuro fazer tudo quanto posso, para além das limitações inerentes de cada homem, e dar aos rapazes que recebemos em família esse testemunho de amor que Deus lhes dá através das vossas concretizações de desprendimento e são manifestações do vosso amor e sinal vivo da Caridade.

O amor que comunicamos é, também, o vosso e o seu fruto a construção do homem de amanhã no vadio que hoje recebemos.

As obras de alargamento desta Casa de Coimbra e de reajustamento das instalações, que acusam os 30 anos de desgasto ao serviço da criança, e outros problemas, não permitem ir ao vosso encontro activar a chama dessa vosso amor que, por vezes, os problemas da vida de cada um e o egoísmo que vive em todos nós, impede, de estarmos atentos às necessidades dos outros.

A força do vosso amor está no dinamismo da vossa expon-taneidade. Não vos deixeis adormecer! Deus, que não dorme, vos ajudará.

Padre Abraão

Areias do Cavaco

Cont. da PRIMEIRA página

muitos lugares vazios na sala, não podemos esquecer o carinho com que fomos rodeados pelo grupo de amigos que esteve presente. E ficámos com a esperança de ver a sala cheia quando lá voltarmos.

Era necessário um breve compasso de espera. Foi uma semana. E de novo rumámos para o Planalto. Estivemos em Silva Porto, no dia 11. Na manhã da véspera, tudo a postos para a partida. Eram cerca de 500 km a percorrer. Esperava-nos uma refeição quente e uma cama fofa no Colégio dos Maristas daquela cidade. A simpatia com que nos receberam calou fundo em todos nós.

Ao Sr. P.e Reis, mais aos vicentinos e vicentinas que deram o seu esforço, por amor, para que o Cine-Teatro apresentasse aquele aspecto acolhedor, de todo o coração agradecemos.

Mas Silva Porto era apenas a primeira etape desta nossa jornada. Nova Lisboa seria a final. Era a primeira vez que ali nos deslocávamos. Desde o início, nos primeiros contactos, bem cedo nos apercebemos que estávamos entre gente acolhedora e amiga. E o Ruacanã ficou muito composto na noite de 14. Foi somente lançada em bom terreno. Germinou de tal modo que nos garantiam uma casa cheia em 2.º espectáculo.

E chegámos ao fim. Cansados mas contentes. Fomos

colher? Sim. Só colher? Não. Fomos sobretudo semear. Pois sabemos que só colhe quem semeia. Ouvimos, mais que uma vez, falar do bem que deixávamos. Que as portas continuavam sempre abertas.

Porque fomos? Pai Américo ao afirmar que a Obra por ele deixada era uma Obra do Povo, traçou rumo a seguir. Estar com o Povo; mostrar-lhe a Obra «ao vivo»; levar-lhe a mensagem do único Evangelho que salva — foi tarefa que nos impusemos nestas jornadas. E fomos também em busca de ajuda material. A construção da nossa Aldeia dos Rapazes ainda está longe do fim. Nela se gasta boa parte das nossas energias. E como ela se destina aos «filhos da rua» de todos os cantos da Província, é necessário que cada membro da Comunidade dê a sua quota parte e a vá construindo também no seu coração.

As nossas Festas foram sobretudo obra dos Rapazes. Aqui o seu grande valor. Aqui a sua razão de ser.

Padre Manuel

Visado pela
Comissão de Censura



A abrir esta coluna um postal, todo ele simpatia e ternura. Ora vejam:

«Batatinha.

Chamo-me Ana Paula e tenho 6 anos, envio-te o vale n.º 53836 da estação de S. José, na importância de 20\$00.

É uma pequena lembrança, mórmente os mais carecidos, para o Batatinha mais pequenino da vossa Casa.

Muitos beijinhos da vossa amiguinha

Ana Paula

Os nossos mais pequeninos retribuem os teus beijinhos e pedem ao Senhor que sejas uma menina sempre boa, querida Ana Paula, e dê muita saúde a teus Paizinhos.

De uma graça concedida, 3.000\$. Duma promessa, 300\$. Mais 250\$ de Soure. E 100\$ de Póvoa de Varzim. Lisboa com 200\$. Selos usados, próprios para colecção, do ass. 19721. António Silva com 50\$. Amiga do Henrique, com duas presenças de 94\$60 e 50\$50. Mais 20\$, de Lisboa. António não falta nunca, e cá vai com as presenças de sempre. E 500\$, para ajuda da formação de um engenheiro. Veio de Lisboa esta oferta e, claro, dum senhor Engenheiro, nossa amigo.

Os 75\$ em selos de correio, vindos mensalmente, da Amadora. Anónimo de Gaia, com 20\$. Dos empregados da Autossil, 40\$. Foz d. Douro com 200\$. Um belo lote de roupas, que nos chegou de Amigo morador na Rua Santa Catarina.

Cantinho dos que ficam

Cont. da PRIMEIRA página

dade) vem interpelar-nos, de lágrimas nos olhos: — Porque nos tem ligado tão pouco? Em que o contristámos?

Ele mais ela, tão um do outro, tão conscientes de que Deus os missionou para os seus filhos e para os homens seus irmãos na condição de seu Próximo! Pois ainda há lugar para uma fome, que só a imensidão da nossa vida nos não permite alimentar!

Tinha razão o Poeta; tem divinamente razão:

«Coração oposto ao mundo, Como a Família é verdade...»

E eu confirmei, mais uma vez, como «é dos Pobres, o Reino...»; como é preciso não ter, para de tal maneira receber!



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

Do que nós necessitamos

A estima da Lecista da Figueira e 200\$. Assinante 9978, remeteu-nos um aumento de vencimento de 1.450\$, para o que for mais necessário. Mais 400\$ entregues à porta do nosso Lar do Porto.

«Viúva amargurada» remete-nos suas ofertas e pede orações. De algures, 100\$. Ass. 33573, de Abóbada, envia-nos um pacote de roupas e 20\$. E ainda nos pede desculpa de ser pouco! Ó delicadeza de Caridade!

Do padrinho do nosso Eusébio, que nos aparece muitas vezes, mais 400\$. Em cumprimento duma promessa, 50\$,

vindos de Cabeceiras de Basto. Com igual fim, 40\$, de Alijó. Da Avó de Moscavide, 150\$ e a alegria de estar presente. Maria Amélia, com 500\$, «pelos bons resultados no exame de meu filho». E 1.000\$ que nos deixou à partida, o Pessoal da Fábrica Boia, de Aveiro. A visita anual, mas sempre alegre, das Empregadas das Malhas Marão e suas ofertas, que totalizaram 405\$70. Dum legado que nos foi entregue, cinco contos.

Dos funcionários da Secção de Correspondentes sobre o País, de Pinto de Magalhães Banqueiros, 410\$, por alma do

Armando Ferreira de Azevedo, «que em toda a vida foi um homem de bem». Deus o tenha em Sua Glória.

Associados de S. Miguel Arcanjo, da Vila das Aves, 100\$. Anónimo de Oeiras com 100\$. Duma graça recebida, 100\$ e de New Jersey. A presença de sempre do Snr. Manuel da Rua da Corticeira. Familiares do menino Paulo, que nos visitaram deixaram-nos 500\$ e uma nova assinatura do nosso jornal. «Obra de Deus para os Pobres», 40\$. A visita dos Associados do Sindicato Nacional dos Electricistas, no dia 15 de Agosto, encheu-nos de alegria. Assitiram à Santa Missa, e à despedida, deixaram-nos cinco contos. De Santa Rita, Caldas da Rainha, recebemos 300\$. De quem pede orações por alma de Mário Soares Marques, 1.000\$. E duas bicicletas, que foram ganhas pelos filhos dum nosso amigo de Cucujães, José

António e Alvaro, no concurso das contruções na areia, na praia do Furadouro. Aos domingos, da parte de manhã, têm sido a alegria da nossa petizada, no campo da bola.

Um vale de correio de 120\$, «duma jovem que tem a seu cargo o sustento da mãe e o seu e que deseja assim agradecer ao Senhor o ter-lhe conseguido trabalho no último ano e pede orações para que o trabalho apareça também no próximo ano e possa assim continuar os seus estudos e a sustentar a sua casa.»

Pelo seu sacrifício, Deus a ajude nos seus anseios.

E cá vai, aquela oferta sempre mensal, vinda de Santarém, e que anotamos como «Da nossa filha, para os vossos filhos, nossos irmãos, o abono de família dos meses de Julho e Agosto».

Bem hajam.

Manuel Pinto

Por P.e Horácio

Domingo passado fui celebrar à cadeia. A assistência era constituída por uma centena de homens novos e robustos. Olhos penetrantes em corpos negros. Toda a Missa foi em ambiente de silêncio e de pouco diálogo. Ao Pai Nosso levantou-se um coro de vozes e uma expressão de alegria. Todos rezaram.

O Pai Nosso foi a resposta que o Senhor Jesus deu à ansiedade de oração dos Apóstolos. O Pai Nosso é a resposta à nossa inquietação de filhos de Deus.

Há anos, já muito de noite, o telefone chamou-me para assistir aos últimos momentos dum Amigo. Uns dias antes ele tinha-me dito da sua mágoa por não ter Fé. Andava inquieto à procura. A hora da separação mostrava aproximar-se e os familiares inquietos com o estado de espírito do moribundo. O Senhor deu-nos a ideia de rezar o Pai Nosso. Aquele homem abriu os olhos e fitou-os em mim. Rezou também e pediu para repetirmos. Abraçou-me e beijou-me. As poucas horas que ainda viveu foram de paz.

O Pai Nosso é a resposta à nossa peregrinação nesta terra. Que o Pai do Céu seja santificado por e em cada um de nós, que somos Seus filhos. Louvando-O, confiamos que nos dá o pão de cada dia. Amando-O, recebemos o Seu perdão e perdoamos-nos uns aos outros. E amando-nos, temos a certeza de que o mal não nos vencerá.

Como no domingo passado fiquei a amar mais o Pai Nosso!

x x x

Ao meio dia de sábado quis assistir ao pagamento do salário aos nossos trabalhadores. Octávio e Fernando (um criado em Miranda do Corvo, outro em Paço de Sousa e ambos, agora casados e com filhos, a servir esta comunidade) sentaram-se a uma pequenina mesa na varanda da casa-mãe. Na sua frente estavam setenta homens e algumas mulheres. A chamada, cada um se apro-

MALANJE

ximava e recebia seu quinhão e se retirava alegremente.

Pão. Pão ganho com o suor do rosto. Pão que dá vida. Pão arrancado à terra ansiosa de o dar. Onde há anos era só capim e abandono, hoje levanta-se a nossa airosa Aldeia, recreiam-se os visitantes, cresce a horta verdejante, rasga-se e limpa-se a terra para receber novas sementes e plantas. Bendito o trabalho do homem!

Depois de uma volta pelas obras e pela quinta, vendo esta multidão ocupada no seu trabalho, P.e Telmo pára e tristemente exclama: — «Não podemos. Temos de despedir alguns trabalhadores». Estávamos junto ao cruzeiro. Entrámos na capela. P.e Telmo ajoelha no supedâneo e finca os cotovelos no Altar e deixa cair a cabeça entre as mãos. Fica-se muito tempo. Mergulha e bebe na Fonte. O Altar é o nosso centro.

O mundo, pasma e não entende. Não conhece este Caminho. Não sabe onde está a Fonte.

Eis a resposta daquele dia a quem procura o pão e a vida dos Irmãos.

Por P.e Telmo

Um homem branco, motorista de táxi, topou, à beira da estrada, um homem de raça preta — muito doente. Meteu-o no carro, levou-o ao Hospital, tratou dele e foi pô-lo na sua cubata.

Chegou até mim a notícia no testemunho vivo que passou pela cidade. Não tive tempo de saborear o efeito desse testemunho na sanzala do doente. Mas, por certo, mais benéfico que tantas manifestações de grandeza e força que, nem sequer penetram a crosta das sanzalas.

Progresso técnico sem elevação espiritual é caminho de rampa perigosa. Elevação espiritual — quero dizer — amor entre todos, reconhecimento por todos, dos mesmos direitos e deveres.

Civilizar não é só esmagar os povos com máquinas...

Civilizar é amar...

Implica um movimento de alma; uma riqueza interior — que se comunica.

x x x

A nossa Aldeia iluminada parece-nos um sonho!

Este sonho realizou-se:

Graças à ajuda da Junta Provincial de Electrificação de Angola que nos deu os seis quilómetros de linha de «alta».

Graças à cidade de Malanje que nos ajudou com cento e

vinte contos (Que bela a nossa cidade!).

Graças à Ex.ma Câmara que, durante a montagem, pôs à nossa disposição oito operários e nos autorizou a ligação.

Graças à Firma Lopes & Irmão que nos deixou ligar à sua linha.

Graças aos guarda-fios da Sonefe — Srs. Alves, José António e Matos — que sacrificaram fins de semana para nos ajudarem.

Graças ao nosso Júlio e sua equipa que trabalharam com gosto.

Não é só a presença viva da luz nas noites! Mas, a possibilidade de montarmos brevemente aos nossas oficinas. Oficinas — só escola — e não concorrentes de outras oficinas.

A todos a nossa gratidão.

«Obra de doentes, para e por doentes. Não é instituição hospitalar, nem sequer asilo ou coisa semelhante. Obra a seu modo, onde cada qual é filho dilecto: onde todos são irmãos e se entreejudam para mais suavemente carregarem a Cruz, tantas vezes demasiado pesada para um só.»

CALVÁRIO

Padre Baptista

